

ÍNDICE

1.	Apresentação	1/26
2.	Resultados	2/26
	2.1 - Profundidade e transparência	2/26
	2.2 - Temperatura da água	5/26
	2.3 - Turbidez	9/26
	2.4 - Potencial hidrogeniônico (pH)	13/26
	2.5 - Oxigênio dissolvido	17/26
	2.6 - Demanda bioquímica de oxigênio (DBO)	23/26
3.	Equipe técnica	25/26
4.	Referências bibliográficas	26/26

ANEXOS

Anexo 1 -	Acompanhamento do enchimento do reservatório da UHE Santo Antônio
Anexo 2 -	Detalhamento do enchimento da UHE Santo Antônio
Anexo 3 -	Mapa de localização das estações de monitoramento da campanha mensal - 2382-00-MEN-DE-1001
Anexo 4 -	Laudos abióticos e bióticos(Digital)

1. APRESENTAÇÃO

Visando ao atendimento do Projeto Básico Ambiental (PBA) da UHE Santo Antônio no rio Madeira, foram realizadas dez campanhas de campo, com frequência trimestral, nos períodos de águas altas (março/abril de 2009, abril de 2010 e março de 2011), vazante (junho de 2009, julho de 2010 e agosto de 2011), águas baixas (outubro de 2009 e setembro de 2010) e enchente (janeiro de 2010 e janeiro de 2011), as quais estão associadas com a fase de pré-enchimento.

Foram incorporados ao Plano de Trabalho do Monitoramento Limnológico e de Macrófitas Aquáticas da UHE Santo Antônio do rio Madeira (Revisão 5) as solicitações contidas na condicionante 2.11 da LI 540/2011, na LO 1047/2011, no Ofício 825/2011 e no Parecer 75/2011. Esses documentos determinam a realização de campanhas de monitoramento limnológico das variáveis físicas e químicas com periodicidade mensal durante o enchimento. Até o momento foram realizadas 7 campanhas, referentes aos meses de outubro (17 a 23/10/11), novembro (08 a 11/11/11), dezembro (06 a 12/12/11), janeiro (15 a 18/01/12), fevereiro (02 a 06/02/12), março (11 a 15/03/12) e abril (12 a 19/04/12).

O enchimento escalonado do reservatório da UHE Santo Antônio ocorreu em 4 etapas, considerando a emissão do Parecer Técnico nº 78/2011/COHID/CGENE/DILIC/IBAMA, de 15 de agosto de 2011, que recomendou a autorização do enchimento da UHE Santo Antônio, mediante o Plano de Enchimento de Reservatório aprovado nos termos da Nota Técnica nº 32/2011/COHID/CGENE/DILIC/IBAMA e demais documentos pertinentes ao processo de licenciamento, descritos no item 2 - "Histórico do Processo de Enchimento do Reservatório".

A primeira etapa ocorreu entre 15/09/2011 a 07/11/2011, partindo de uma cota de 49,35 m a 55,50 m; na segunda etapa, elevou-se o nível do reservatório à cota 60,50 m entre os dias 07 e 12 de novembro de 2011; na terceira etapa, atingiu-se 68,40 m entre o período de 21 e 30 de novembro de 2011. No entanto, houve um aumento imediato de 0,60 m na cota no dia 07/12/2011, a fim de viabilizar o Sistema de Transposição de Peixes (da cota 68,40 m a 69,0 m), completando assim a terceira etapa do enchimento. Na quarta etapa, a cota máxima de operação de 70,50 m foi atingida no período de 08 a 23/01/2012, finalizando o enchimento do reservatório da UHE Santo Antônio.

Este relatório avalia os resultados obtidos na primeira campanha de estabilização do reservatório, que ocorreu no período de 02/02/2012 a 06/02/2012 e contemplou as estações situadas no rio Madeira, localizadas a montante (MON.05, MON.04, MON.03, MON.02, MON.01) e a jusante (JUS.01, JUS.02, JUS.03) do eixo da barragem, e as estações nos tributários localizados a montante do reservatório (CAR, JAC.01, JAC.02, JAC.03, CRC, TEO, TEO.01, JAT I, JAT I.01, CEA e CEA.01) (Mapa de Localização das Estações de Monitoramento da Campanha Mensal - Anexo 3).

As variáveis foram analisadas por meio de protocolos internacionalmente reconhecidos, preferencialmente as determinações contidas no "STANDARD METHODS FOR THE EXAMINATION OF WATER AND WASTEWATER" da APHA (1998) 21ª edição. As técnicas analíticas tiveram como base as recomendações do programa biológico internacional para ambientes aquáticos (Golterman *et al.* 1978). Foram considerados, entre outros, os fundamentos técnicos descritos por Wetzel & Likens (2000).

2. RESULTADOS

2.1 - PROFUNDIDADE E TRANSPARÊNCIA

Ao penetrar na coluna d'água, a radiação solar sofre alterações na intensidade, na qualidade e na direção, que são influenciadas principalmente pela concentração de materiais dissolvidos e em suspensão na água. O rio Madeira é caracterizado como rio de águas brancas, com elevada carga de sólidos dissolvidos e suspensos, o que faz com que haja baixa penetração de luz (Muntz, 1978).

No rio Madeira, durante o período amostrado, a profundidade média foi de $23,1 \pm 5,7$ m (média \pm DP), variando entre 14,0 m (JUS.03) e 29 m (MON.03) (Figura 2-1). Os valores obtidos no presente estudo para montante ($23,5 \pm 5,5$ m; média \pm DP) e jusante ($22,3 \pm 7,2$ m; média \pm DP) foram semelhantes aos encontrados no mesmo período de 2010 (montante: $22,0 \pm 6,9$ m; jusante: $21,0 \pm 2,7$ m, média \pm DP), mas superiores aos de 2011 (montante: $17,0 \pm 2,5$ m; jusante: $18,7 \pm 7,0$ m, média \pm DP). Essas diferenças refletem as irregularidades no perfil topográfico do leito do rio Madeira.

A transparência da água em todas as estações foi de 0,05 m. A baixa transparência do rio Madeira é consequência da alta carga de material em suspensão que este rio carrega. Os valores obtidos no presente estudo foram um pouco menores do que os encontrados no mesmo período de 2010 ($0,07 \pm 0,03$ m, média \pm DP), mas idênticos aos encontrados no ano de 2011.

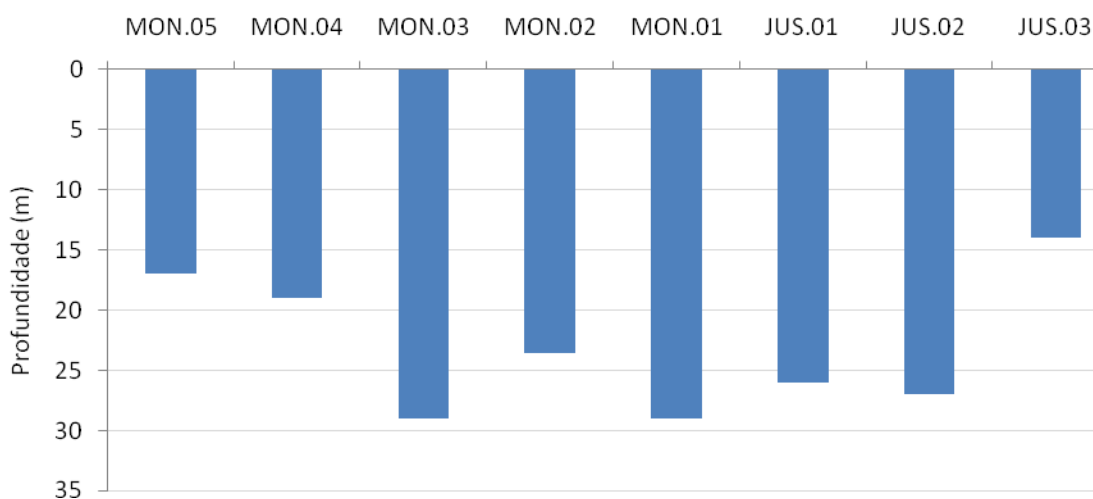


Figura 2-1 - Profundidade da coluna d'água no rio Madeira em fevereiro de 2012 (enchente).

A profundidade dos tributários avaliados variou entre 4,8 m (CEA.01) e 20,0 m (JAT I), com média de $9,66 \pm 4,19$ m (média \pm DP) (Figura 2-2). Os valores obtidos no presente estudo foram superiores aos encontrados no mesmo período de 2010 ($6,18 \pm 3,08$ m, média \pm DP) e de 2011 ($4,98 \pm 1,28$ m, média \pm DP), o que reflete a influência do enchimento do reservatório.

Nos tributários, a transparência da água variou bastante entre as estações, com média de $0,53 \pm 0,40$ m (média \pm DP). O menor valor foi registrado em TEO e CEA (0,05 m), refletindo a influência do rio Madeira nestas estações. Em contrapartida, o maior valor encontrado foi na estação CAR (1,5 m) (Figura 2-3). Os valores obtidos no presente estudo foram um pouco menores do que os encontrados no mesmo período de 2010 ($0,68 \pm 0,26$ m, média \pm DP) e de 2011 ($0,63 \pm 0,38$ m, média \pm DP), o que pode ser resultado da influência da água do rio Madeira, que possui menor transparência, em alguns tributários.

UHE SANTO ANTÔNIO NO RIO MADEIRA

2382-00-MEN-RL-0005-00

Monitoramento Limnológico e de Macrófitas Aquáticas -
Fase de Enchimento e Estabilização Relatório Mensal 5

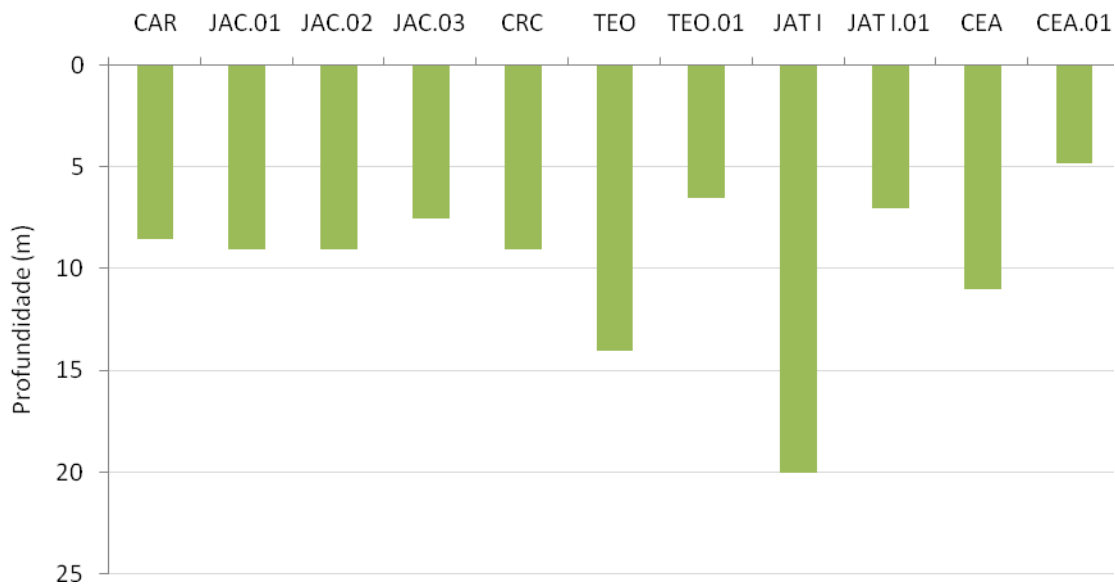


Figura 2-2 - Profundidade da coluna d'água nos tributários em fevereiro de 2012 (enchente).

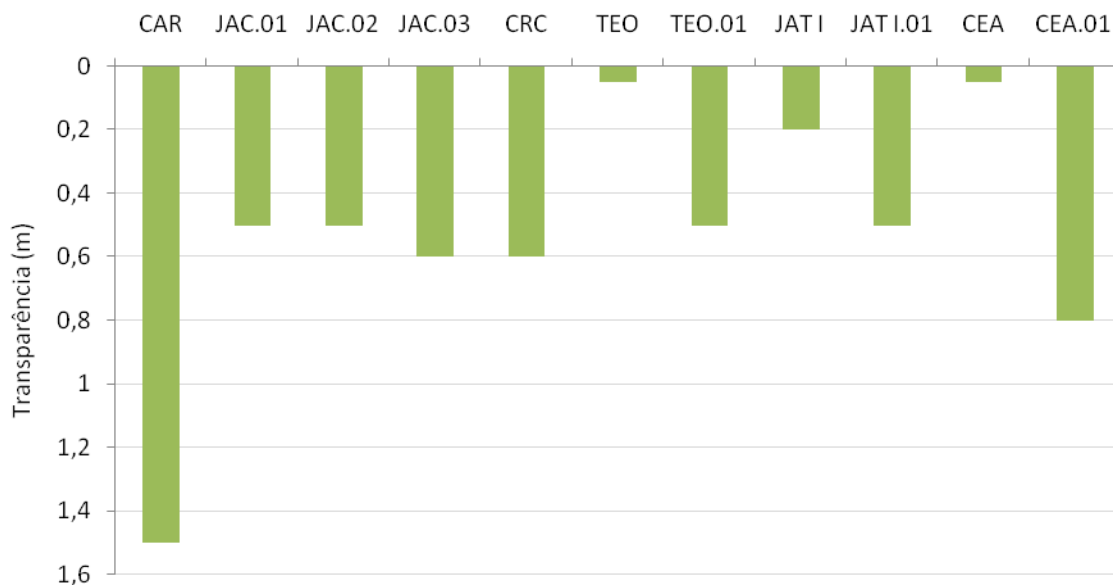


Figura 2-3 - Transparência da coluna d'água nos tributários em fevereiro de 2012 (enchente).

2.2 - TEMPERATURA DA ÁGUA

No rio Madeira, a temperatura média da água na superfície foi de $27,76 \pm 0,13^\circ\text{C}$ (média \pm DP), variando entre $27,67^\circ\text{C}$ (MON.02) e $28,06^\circ\text{C}$ (MON.01) (Figura 2-4). Os valores obtidos no presente estudo foram semelhantes aos encontrados no mesmo período de 2010 ($28,03 \pm 0,09^\circ\text{C}$, média \pm DP) e 2011 ($27,58 \pm 0,34^\circ\text{C}$, média \pm DP), para a superfície da água.

A temperatura média no fundo foi de $27,71 \pm 0,03^\circ\text{C}$ (média \pm DP). As temperaturas medidas no fundo só foram mais baixas em relação às temperaturas superficiais a montante da barragem, na estação MON.01. Entretanto, a diferença de temperatura foi bem pequena, inferior a $0,4^\circ\text{C}$, não podendo ser qualificada como estratificação térmica. A jusante, o rio manteve sua tradicional uniformidade térmica. Os perfis de temperatura mostraram homogeneidade térmica e ausência de variação espacial. Com isso, verifica-se que, durante o início da estabilização, não houve alterações expressivas no perfil de temperatura do rio Madeira (Figura 2-5).

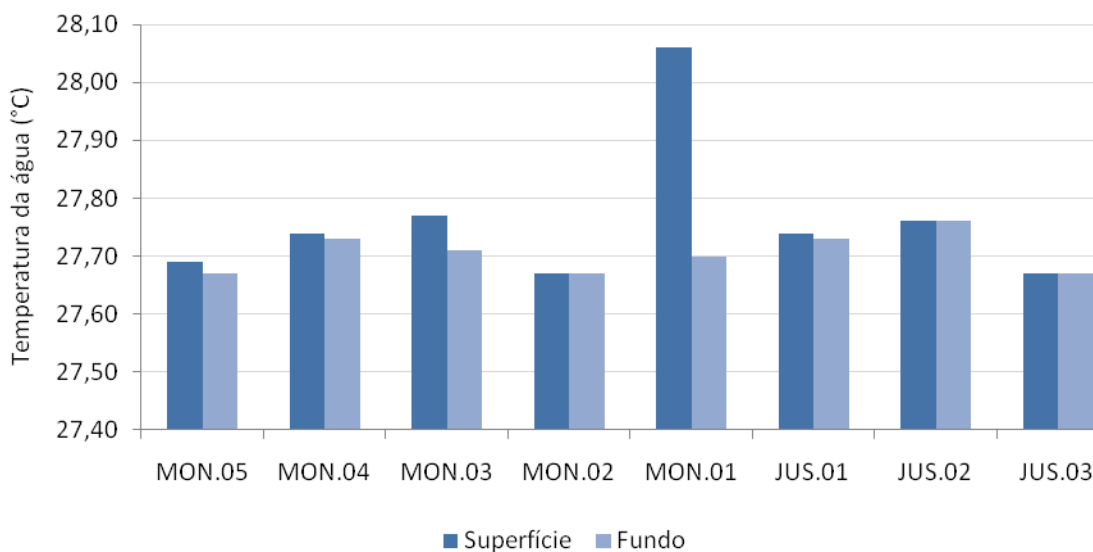


Figura 2-4 - Temperatura da água no rio Madeira em fevereiro de 2012 (enchente).

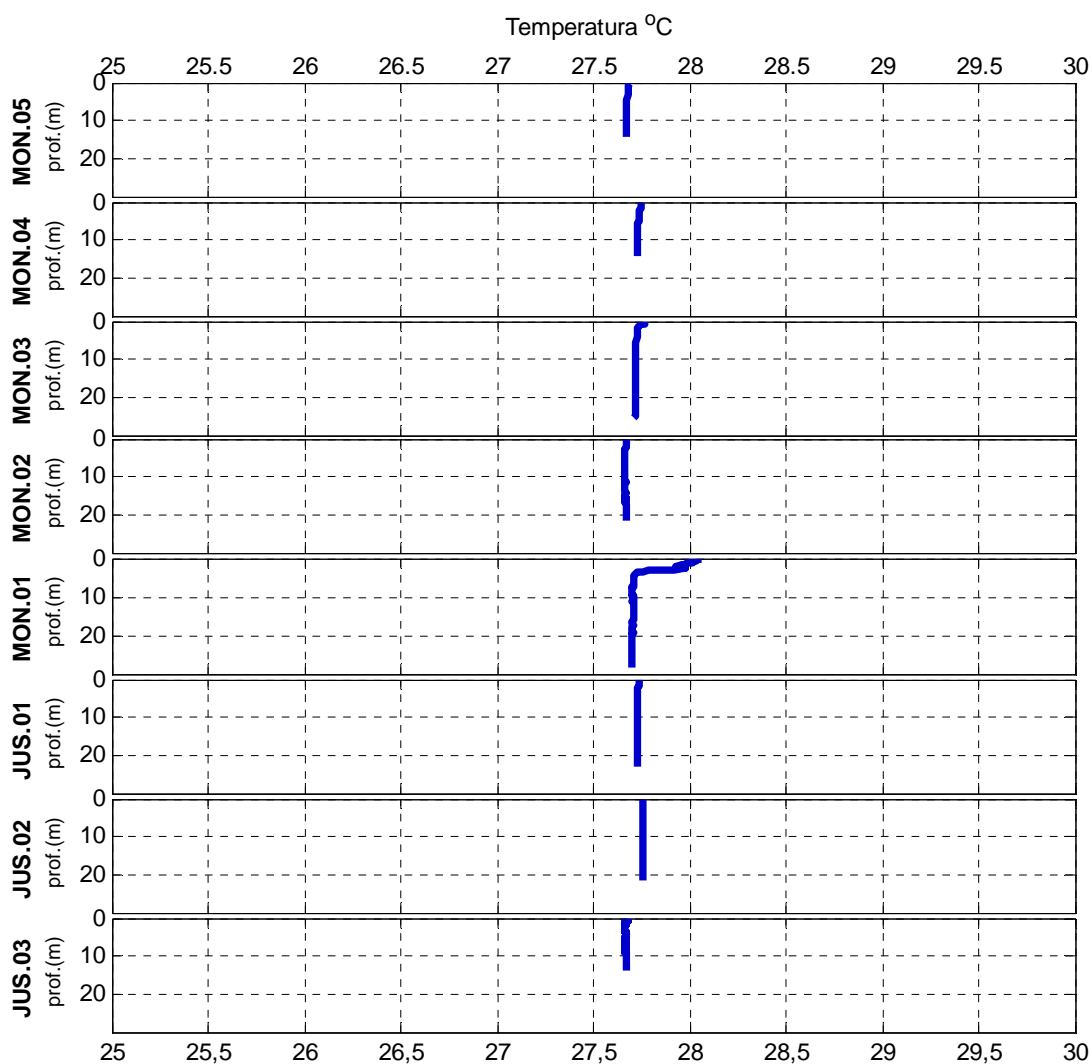


Figura 2-5 - Perfis de temperatura no rio Madeira em fevereiro de 2012 (enchente).

A temperatura da água nos tributários variou entre 25,18°C (CAR) e 29,08°C (TEO.01), com média de $27,31 \pm 1,09^\circ\text{C}$ (média \pm DP) (Figura 2-6). Os valores obtidos no presente estudo foram semelhantes aos encontrados no mesmo período de 2011 ($27,43 \pm 0,9^\circ\text{C}$, média \pm DP) e de 2010 ($26,19 \pm 0,7^\circ\text{C}$, média \pm DP).

Os perfis térmicos da campanha de fevereiro indicaram ter havido estratificação térmica nas estações JAT I, JAT I.01, TEO.01 e CEA.01 (Figura 2-7). A estratificação nessas estações pode estar associada com o aumento do tempo de residência da água. No entanto, eventos de estratificação térmica já foram observados nos tributários durante o monitoramento da fase de pré-enchimento, sobretudo no período de águas altas.

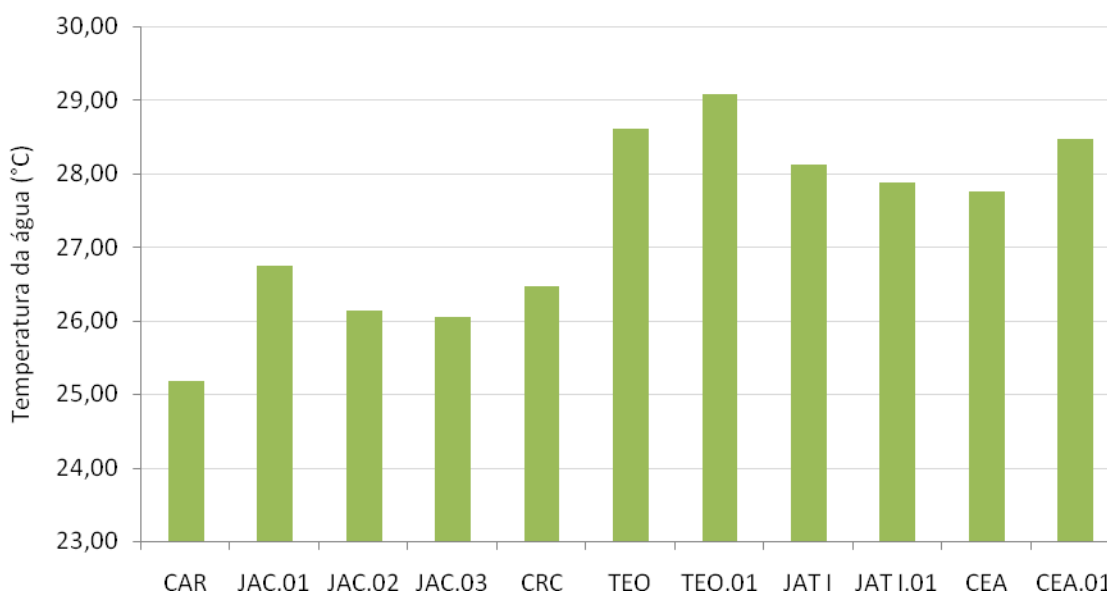


Figura 2-6 - Temperatura da água nos tributários em fevereiro de 2012 (enchente).

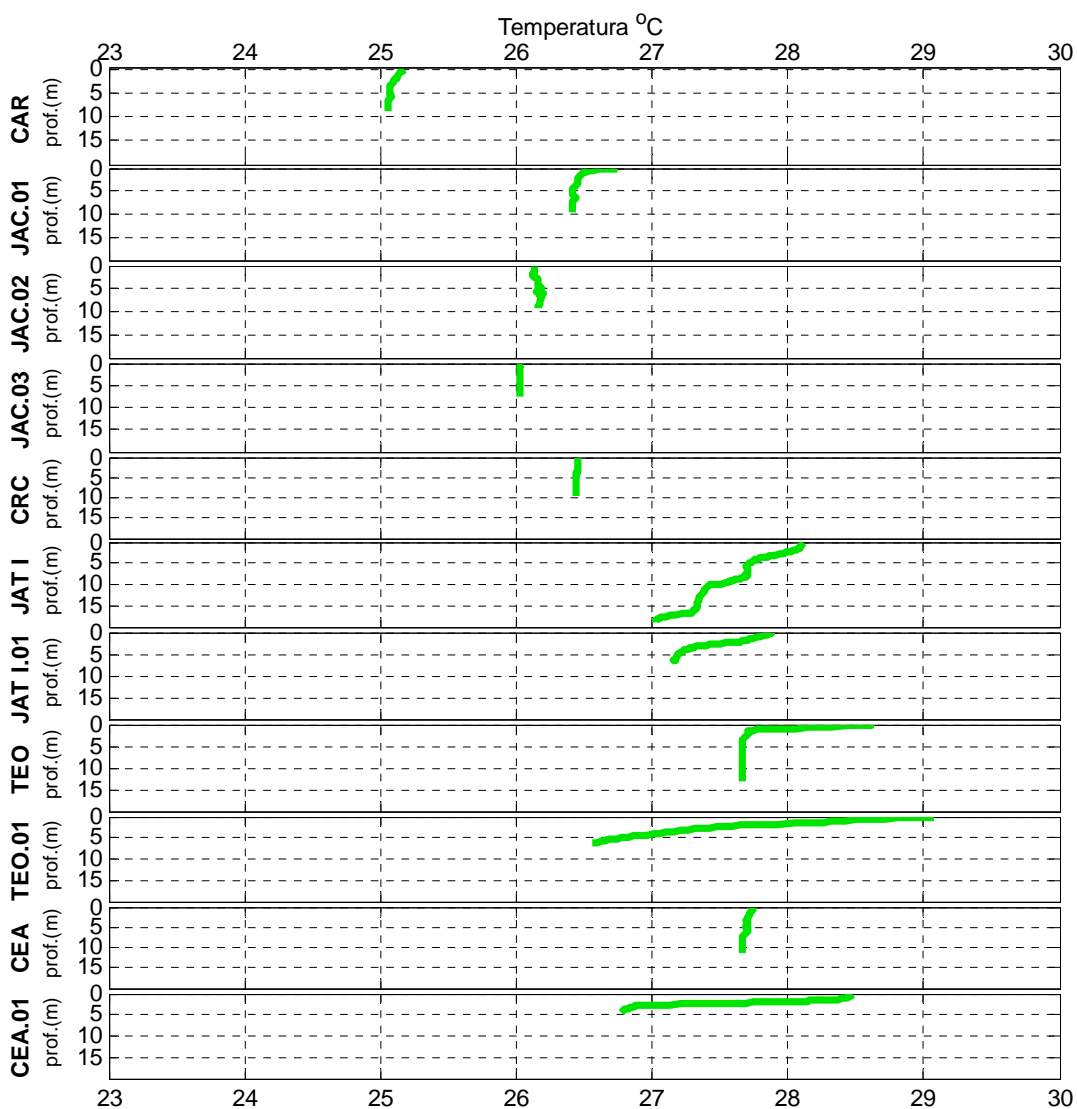


Figura 2-7 - Perfis de temperatura nos tributários em fevereiro de 2012 (enchente).

2.3 - TURBIDEZ

No rio Madeira, a turbidez média foi de $587,5 \pm 71,2$ NTU (média \pm DP), variando entre 474,8 NTU (MON.04 superfície) e 750,1 NTU (MON.05 fundo) (Figura 2-8). Os valores obtidos no presente estudo foram inferiores aos encontrados no mesmo período de 2010 ($726,2 \pm 73,66$ NTU, média \pm DP), porém semelhantes aos de 2011 ($552,21 \pm 71,78$ NTU, média \pm DP). A variação interanual da intensidade do pulso de inundação pode explicar essas diferenças.

Os perfis de turbidez mostraram que houve variação vertical, com altos valores de desvio padrão, o que é normal para esse parâmetro. Houve também uma tendência de acréscimo nos valores em direção ao fundo nas estações de montante, enquanto nas estações de jusante essa tendência não é clara (Figura 2-9).

A turbidez no rio Madeira é naturalmente alta, atingindo seus maiores valores nos períodos de enchente e águas altas e os menores valores nos períodos de vazante e águas baixas. Por esta razão, nenhuma estação atendeu ao limite de 100 NTU preconizado pela Resolução CONAMA 357/2005 para corpos d'água de Classe 2.

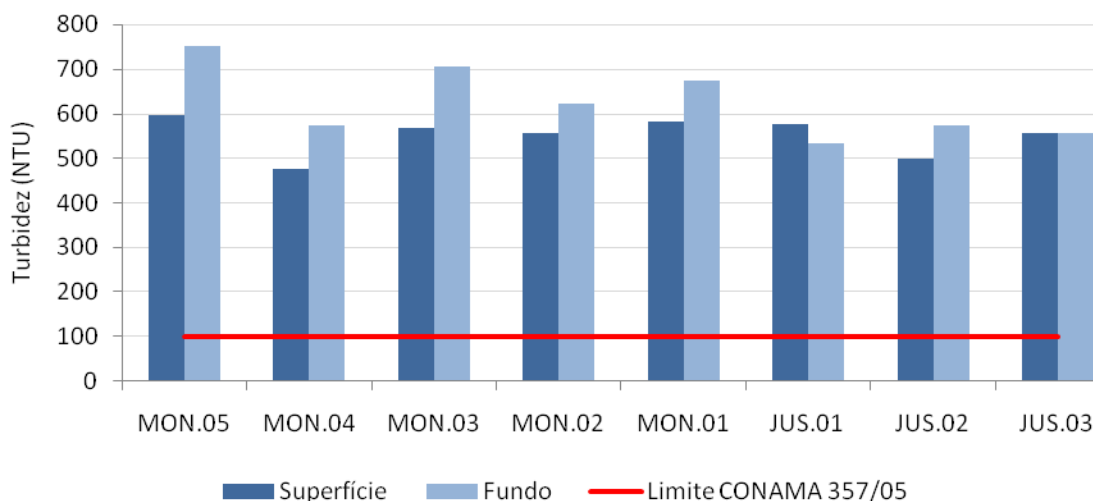


Figura 2-8 - Valores de turbidez no rio Madeira em fevereiro de 2011 (enchente).

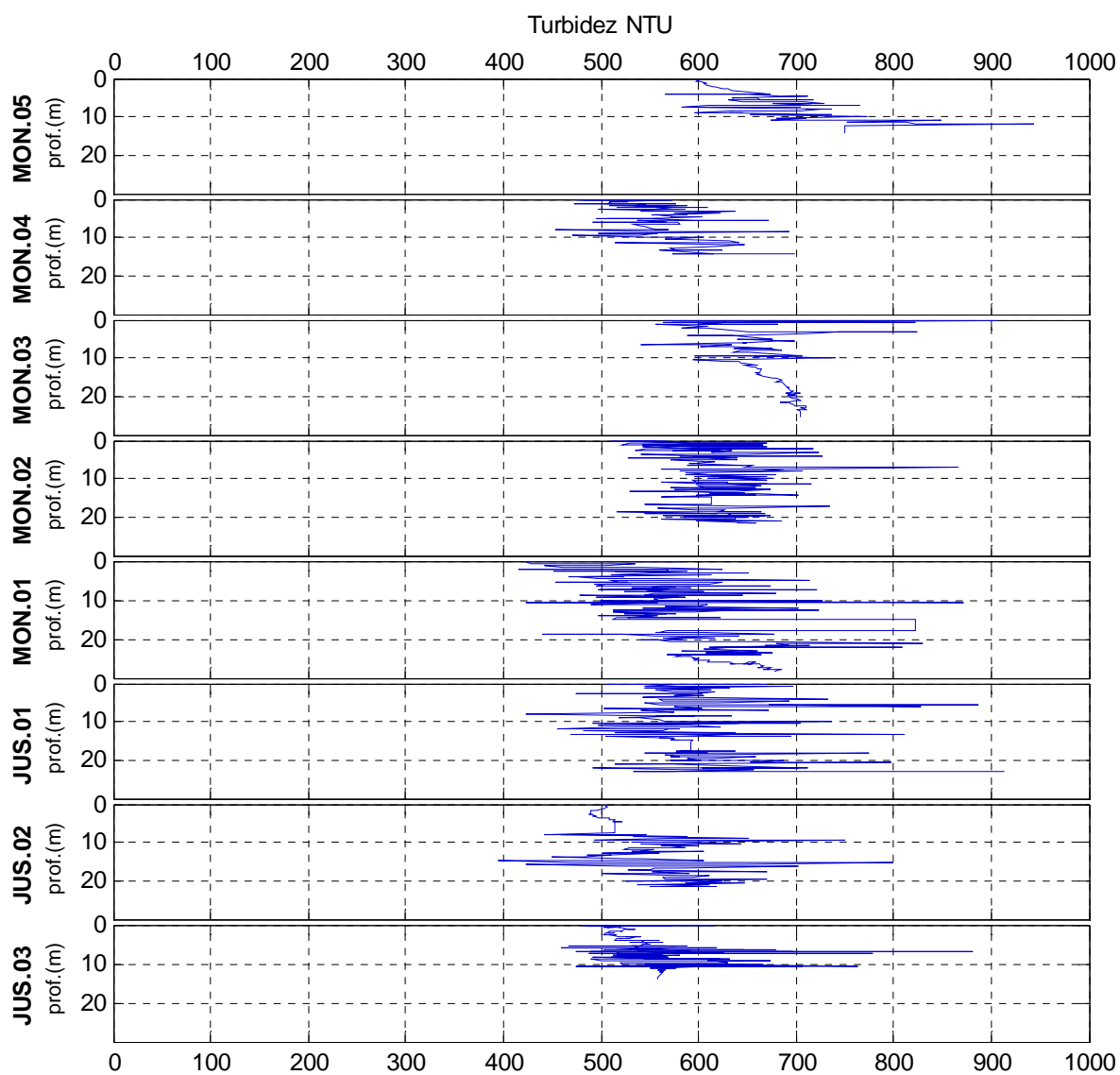


Figura 2-9 - Perfis de turbidez no rio Madeira em fevereiro de 2012 (enchente).

A turbidez média nos tributários foi de $82,4 \pm 137,4$ NTU (média \pm DP). Houve grande variação espacial, com os valores oscilando entre 4,3 NTU (CAR) e 410,4 NTU (TEO) (Figura 2-10). Grande parte das estações apresentou baixos valores de turbidez, visto que a mediana foi de 23,6 NTU. No entanto, os altos valores encontrados nas estações TEO, JAT I e CEA, sob influência do rio Madeira, foram responsáveis por elevar a média dos tributários.

Não houve variação de turbidez no perfil vertical das estações localizadas nos rios Jaci-Paraná (JAC.01, JAC.02 e JAC.03) e no rio Caripunas (CAR), além das estações JAT I.01 e CEA.01 (Figura 2-11). Por outro lado, é possível notar uma diferença na turbidez ao longo do gradiente de profundidade nas estações TEO, TEO.01, CEA e JAT I, o que revela a influência do rio Madeira nestas estações. Uma vez que a água do rio Madeira é mais densa por ser mais fria e possuir maior concentração de compostos dissolvidos, sua influência se restringe aos estratos mais profundos em algumas estações.

Apesar da grande variação, os valores médios obtidos no presente estudo foram maiores que os encontrados no mesmo período de 2010 ($15,33 \pm 9,75$ NTU, média \pm DP) e 2011 ($28,64 \pm 20,33$ NTU, média \pm DP), já que os tributários passaram a sofrer maior influência das águas mais túrbidas do rio Madeira após o enchimento.

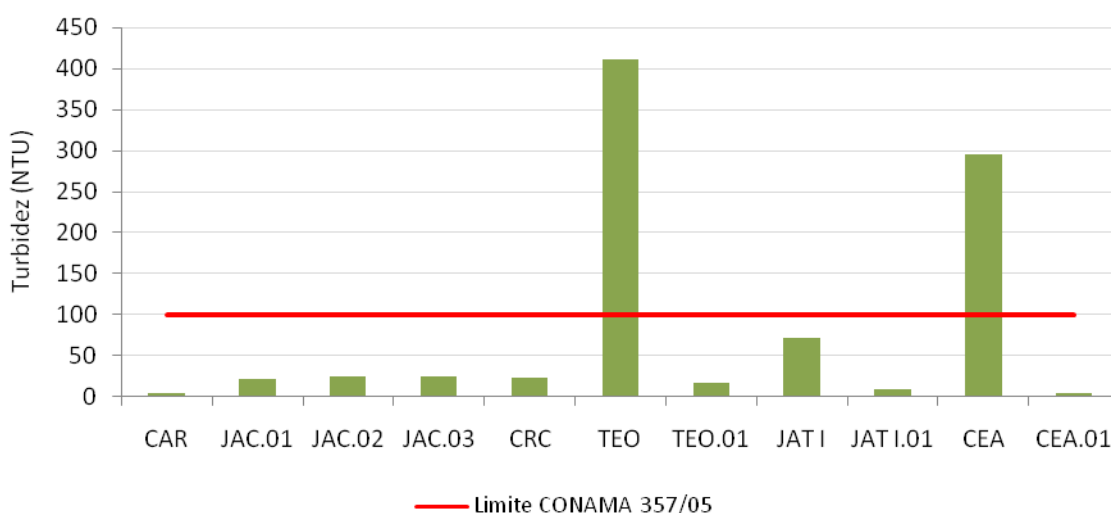


Figura 2-10 - Valores de turbidez nos tributários em fevereiro de 2012 (enchente).

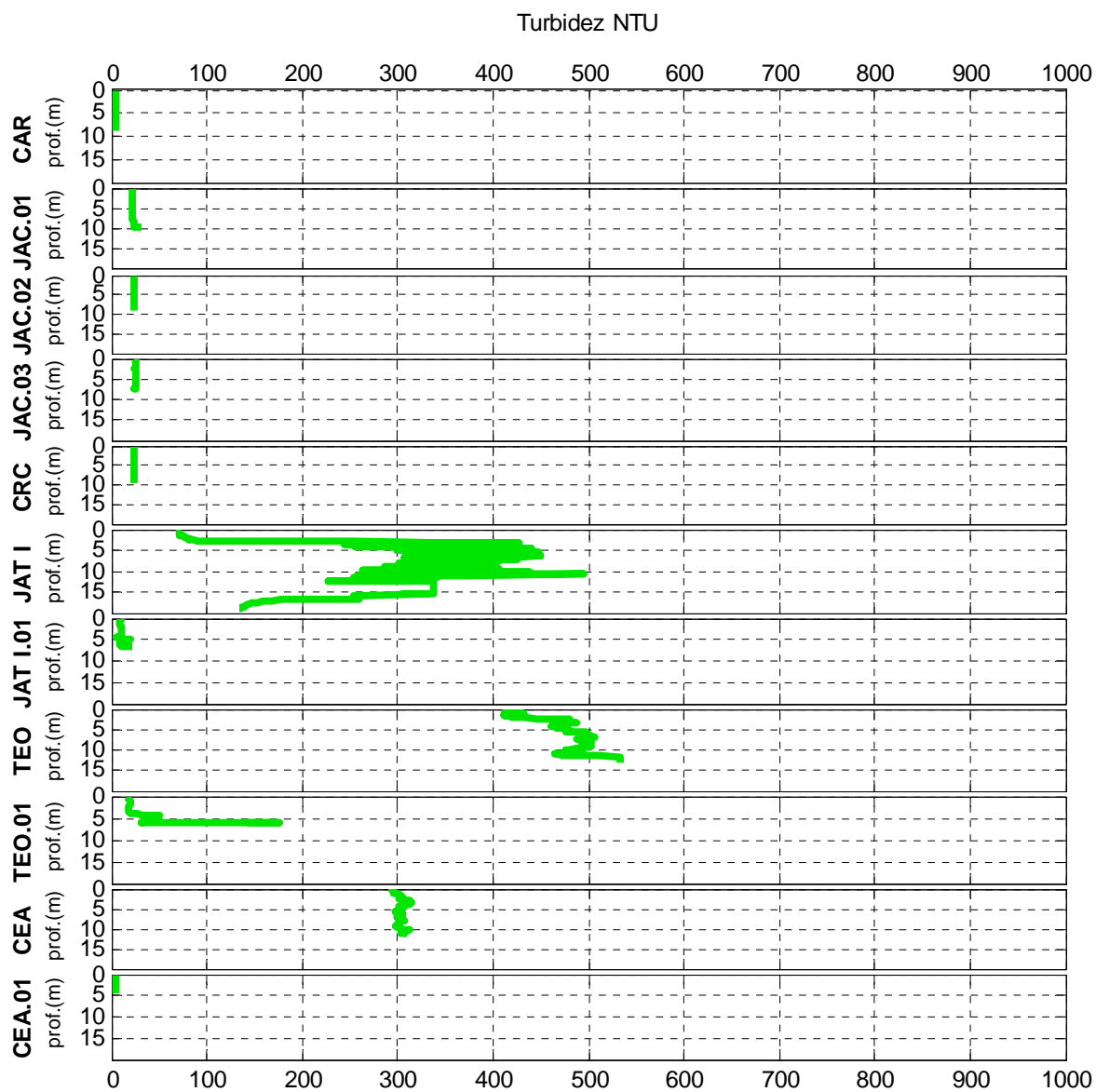


Figura 2-11 - Perfis de turbidez nos tributários em fevereiro de 2012 (enchente).

2.4 - POTENCIAL HIDROGENIÔNICO (PH)

No rio Madeira, o pH foi próximo ao neutro, com valores oscilando entre 6,66 (MON.04 superfície) e 7,02 (JUS.02 superfície) e média superficial de $6,92 \pm 0,12$ (média \pm DP) (Figura 2-12). A média no fundo foi semelhante à encontrada na superfície ($6,94 \pm 0,03$; média \pm DP). Os valores obtidos no presente estudo foram semelhantes aos encontrados no mesmo período de 2010 ($6,91 \pm 0,08$, média \pm DP) e ligeiramente inferiores aos de 2011 ($7,20 \pm 0,11$, média \pm DP).

À exceção de MON.04, os perfis de pH evidenciaram pouca ou nenhuma variação vertical nas estações do rio Madeira (Figura 2-13), o que se deve à elevada turbulência, que proporciona a mistura da massa d'água.

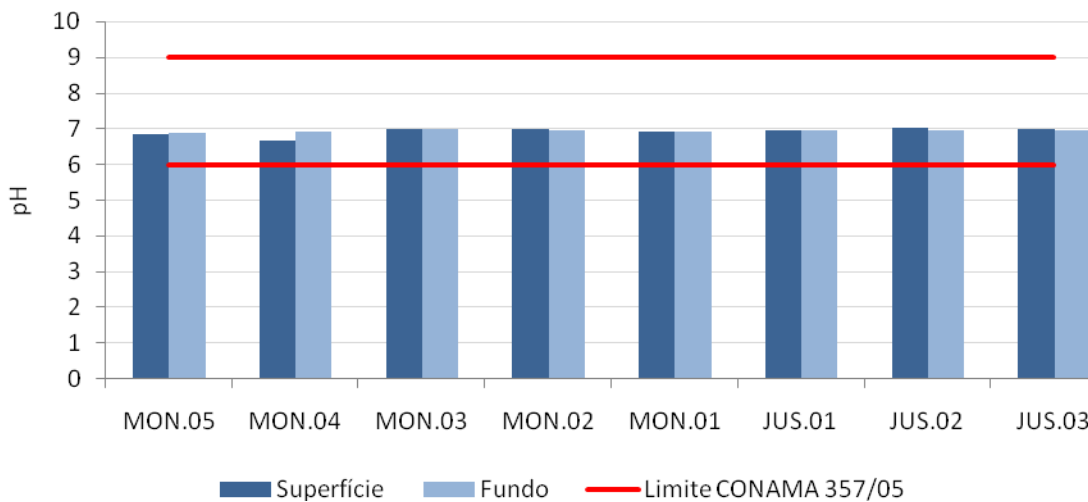


Figura 2-12 - Valores de pH no rio Madeira em fevereiro de 2012 (enchente).

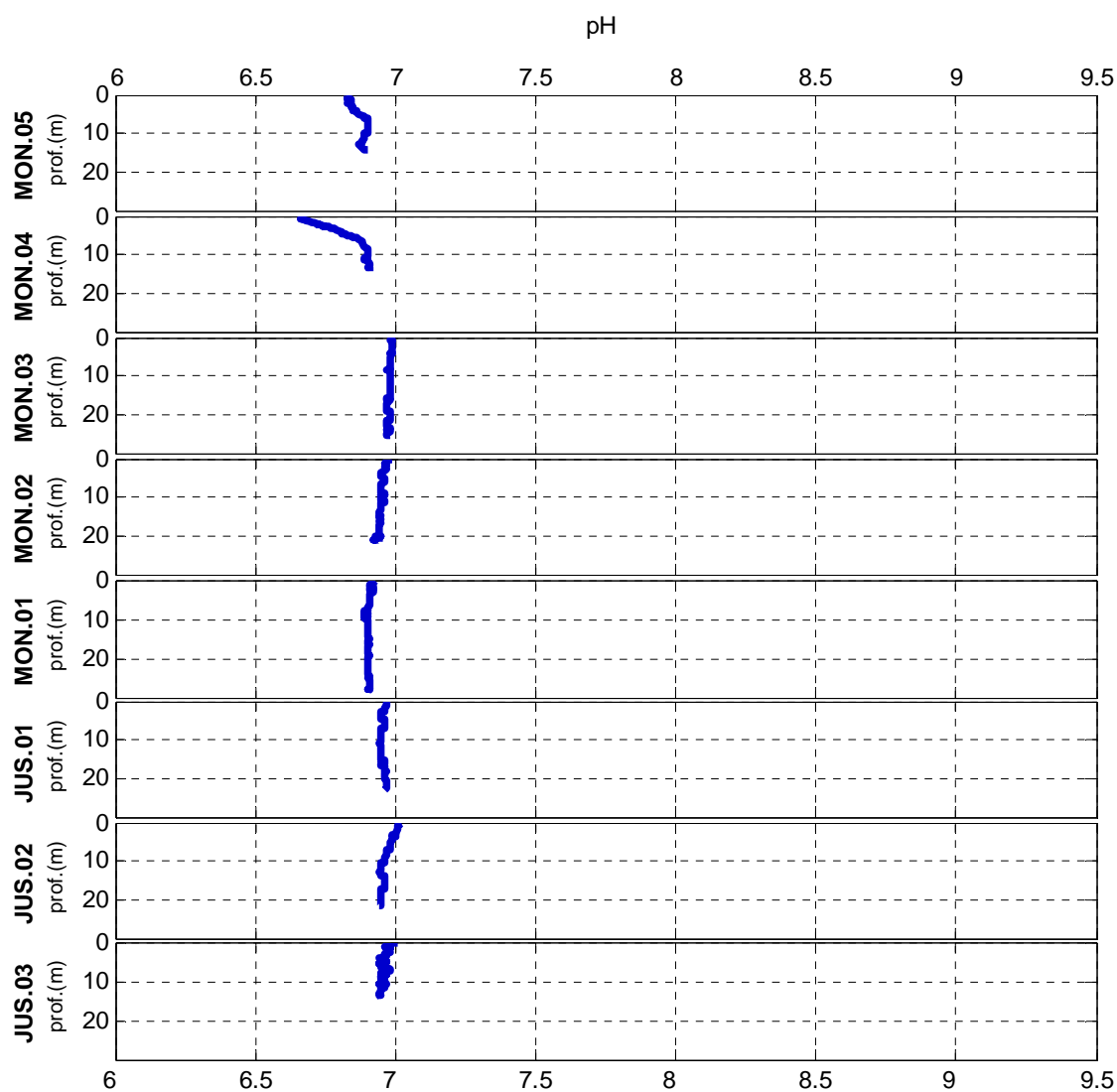


Figura 2-13 - Perfis de pH nos rio Madeira em fevereiro de 2012 (enchente).

No geral, nos tributários o pH foi levemente ácido, variando entre 5,59 (CAR) e 6,88 (TEO). A média destes sistemas foi de $6,11 \pm 0,45$ (média \pm DP) (Figura 2-14). Os valores obtidos no presente estudo foram um pouco superiores aos encontrados no mesmo período de 2010 ($5,72 \pm 0,57$; média \pm DP), mas semelhantes aos encontrados em 2011 ($5,94 \pm 0,58$; média \pm DP).

Assim como no rio Madeira, os perfis de pH dos tributários apresentaram homogeneidade, a exceção das estações CAR e JAT I, que apresentaram leve tendência de aumento da acidez em direção ao fundo (Figura 2-15). Menores valores de pH registrados no fundo podem estar associados à liberação de CO₂ em função da decomposição da matéria orgânica.

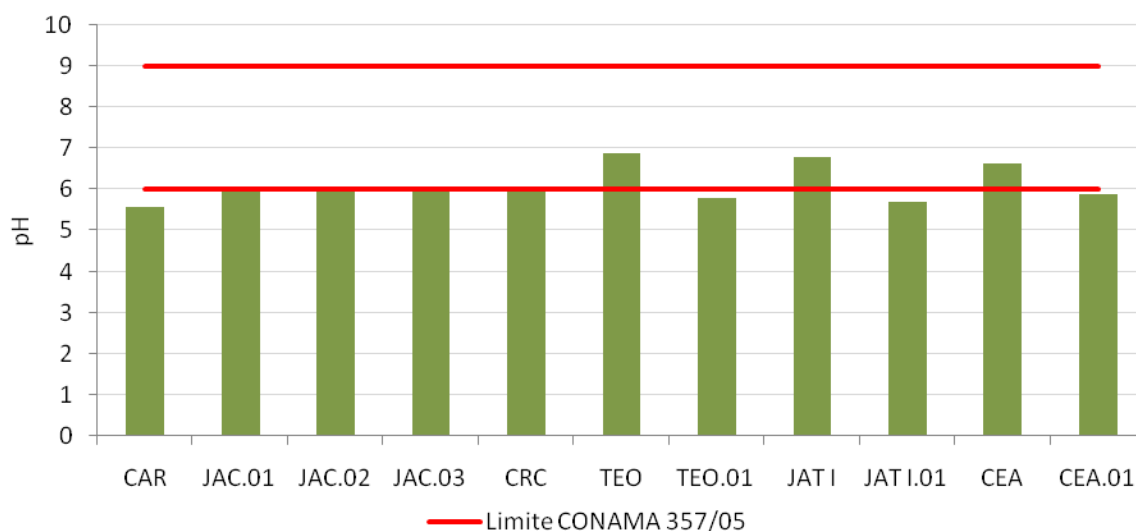


Figura 2-14 - Valores de pH nos tributários em fevereiro de 2012 (enchente).

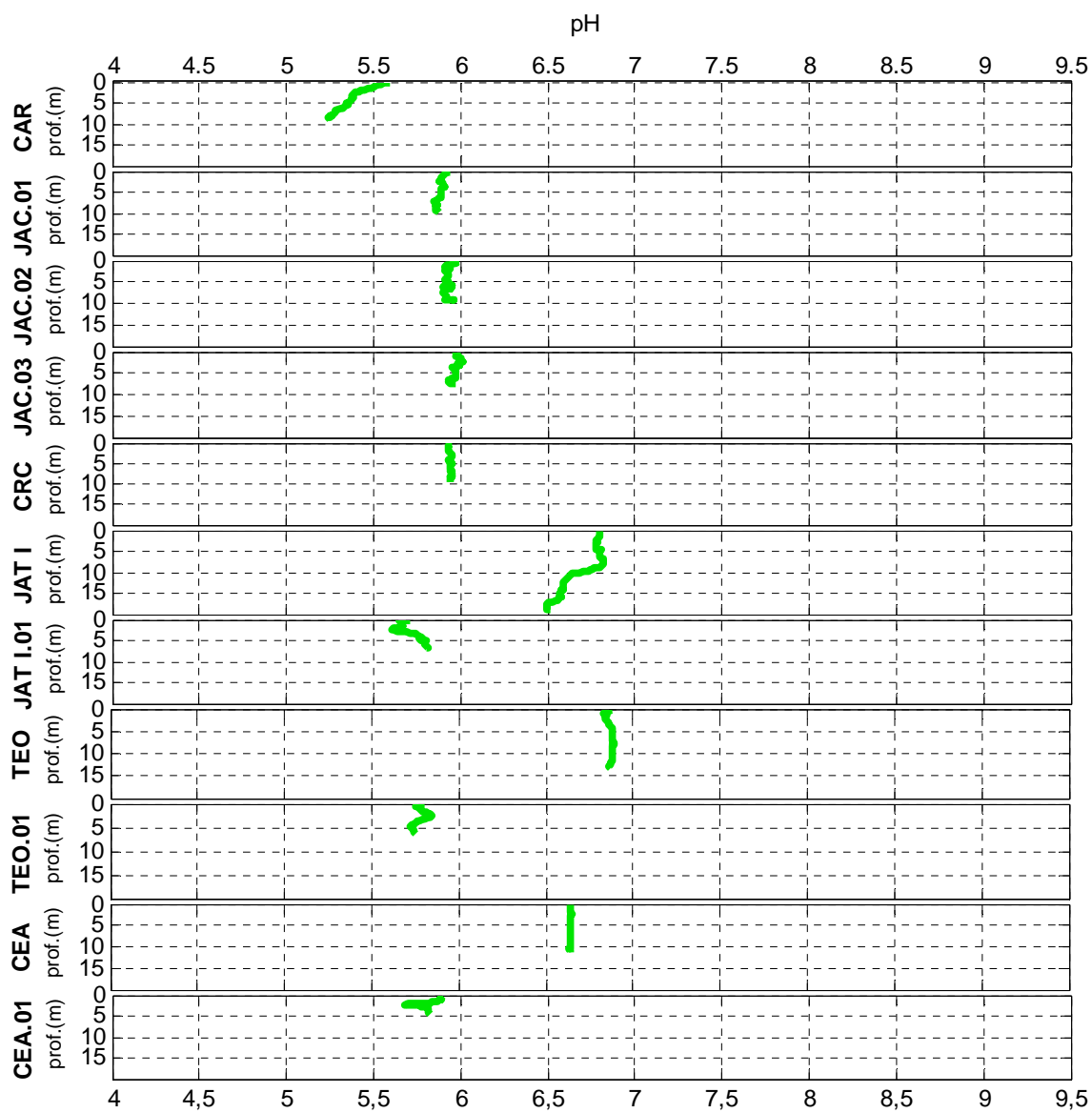


Figura 2-15 - Perfis de pH nos tributários em fevereiro de 2012 (enchente).

No rio Madeira, todas as estações respeitaram o intervalo de pH de 6 a 9 previsto no Art. 15 da Resolução CONAMA 357/2005 para corpos d'água de Classe 2. Nos tributários, por outro lado, o intervalo supracitado só foi encontrado nas estações TEO, JAT I e CEA. Maiores valores de pH nestas estações podem estar associados à influência do rio Madeira. Nos demais igarapés já foi registrado pH levemente ácido em situações prévias ao enchimento, no período de enchente dos anos anteriores. Essa situação, provavelmente, ocorre devido ao aporte de material orgânico terrestre, que provoca o aumento da taxa de respiração. A liberação de CO₂ na água tende a diminuir o pH. Além disso, conforme relatado na literatura, o caráter ácido é uma condição natural de alguns ambientes aquáticos amazônicos (Melack & Fisher, 1983).

2.5 - OXIGÊNIO DISSOLVIDO

As principais fontes de oxigênio para ecossistemas aquáticos são a atmosfera e a fotossíntese realizada por algas e macrófitas. No caso de rios, a atmosfera recebe maior destaque, uma vez que a dinâmica fluvial é caracterizada por elevada turbulência e constante troca de gases na interface água-atmosfera (Wetzel, 2001).

No rio Madeira, as concentrações de oxigênio encontradas na superfície ($7,13 \pm 1,16$ mg/L, média \pm DP) foram semelhantes ao fundo ($7,28 \pm 1,60$ mg/L, média \pm DP). Os valores oscilaram entre 5,83 mg/L (MON.01 fundo) e 9,49 mg/L (JUS.01 fundo) (Figura 2-16). Os valores obtidos no presente estudo foram semelhantes aos encontrados no mesmo período de 2010 ($6,95 \pm 0,44$ mg/L, média \pm DP) e de 2011 ($7,42 \pm 0,41$ mg/L, média \pm DP).

Comparando-se as estações de montante, as concentrações de oxigênio na superfície ($6,32 \pm 0,24$ mg/L, média \pm DP) foram levemente superiores ao fundo ($6,14 \pm 0,27$ mg/L, média \pm DP). No entanto, nestas estações o perfis de oxigênio dissolvido mostraram pouca variação vertical, embora seja possível notar uma leve tendência de diminuição da concentração em direção ao fundo (Figura 2-17).

As estações de jusante apresentaram valores mais elevados de oxigênio do que a montante, devido à grande turbulência da água na passagem pelos vertedouros. Nas estações de jusante, os perfis verticais apresentaram padrão oposto ao de montante, sendo os valores na superfície ($8,47 \pm 0,50$ mg/L; média \pm DP) levemente menores do que no fundo ($9,18 \pm 0,41$ mg/L; média \pm DP), o que pode ser fruto da difusão deste gás de volta para a atmosfera, devido a sua super-saturação na água.

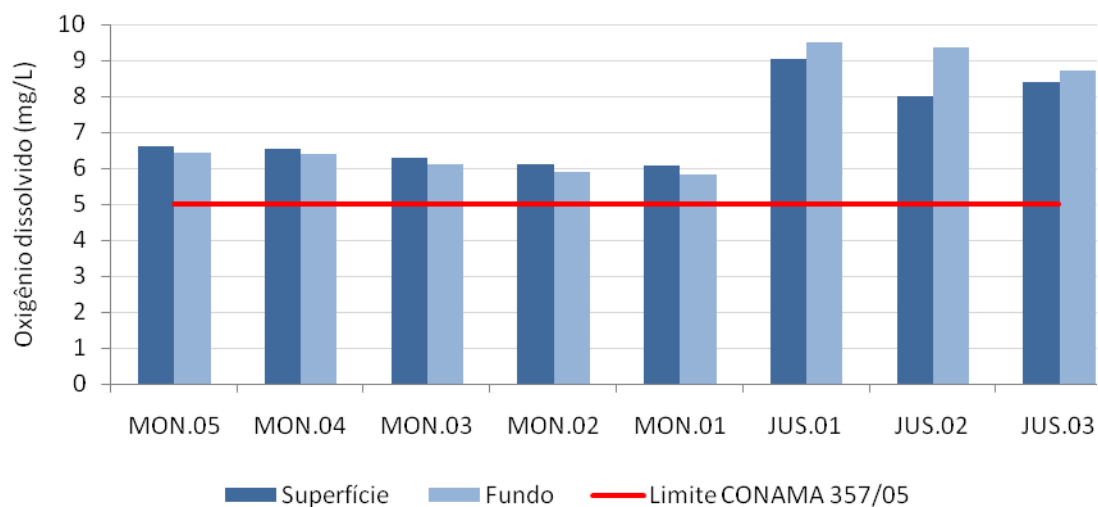


Figura 2-16 - Concentrações de oxigênio dissolvido nos rio Madeira em fevereiro de 2012 (enchente).

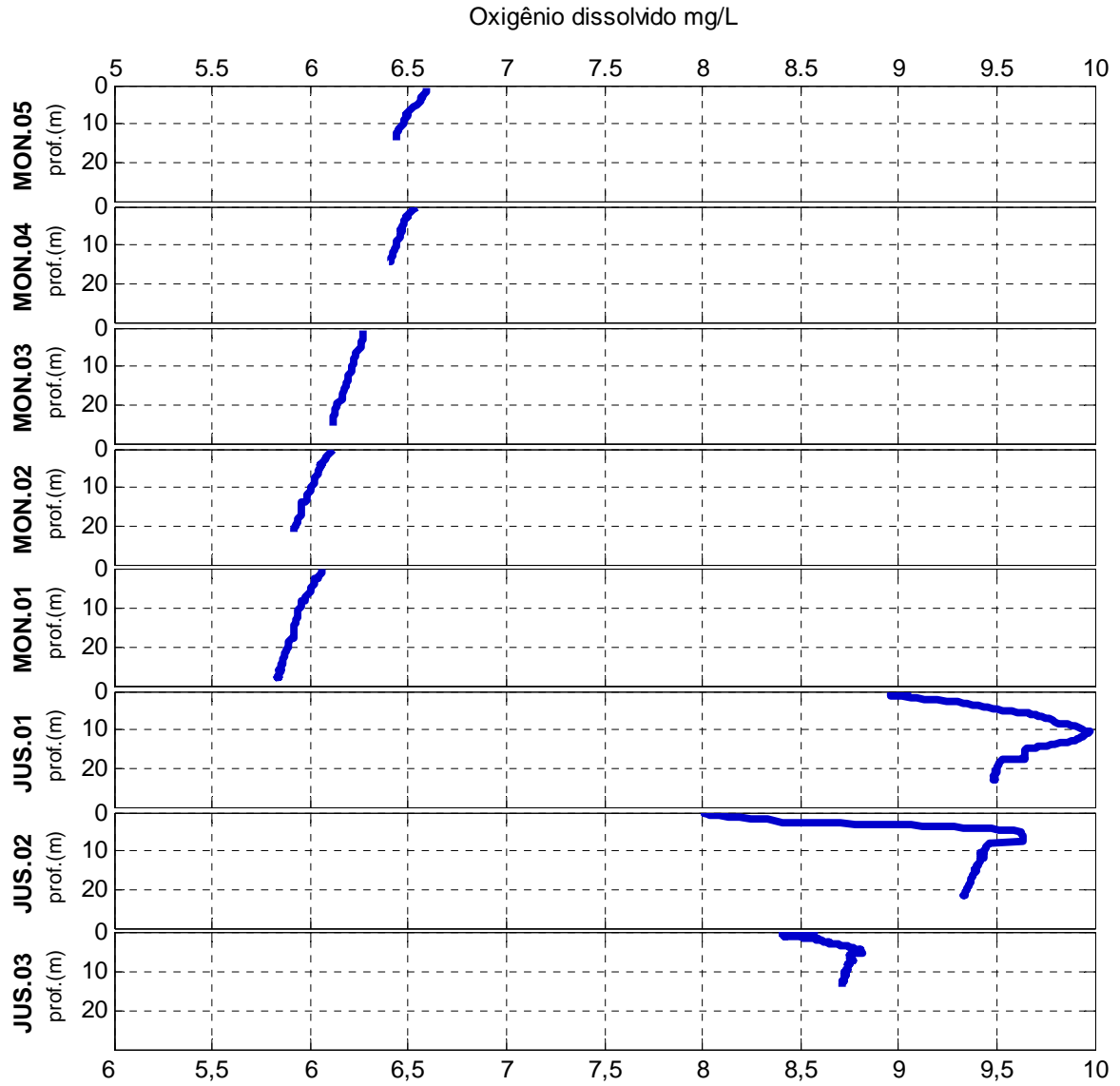


Figura 2-17 - Perfis de concentração de oxigênio dissolvido no rio Madeira em fevereiro de 2012 (enchente).

Nos tributários, o oxigênio dissolvido variou entre 1,57 mg/L (JAT I.01) e 5,65 mg/L (TEO), com média de $3,83 \pm 1,26$ mg/L (média \pm DP) (Figura 2-18). Os valores médios obtidos no presente estudo foram levemente inferiores aos encontrados no mesmo período de 2010 ($4,54 \pm 1,77$ mg/L, média \pm DP) e de 2011 ($4,88 \pm 2,26$ mg/L, média \pm DP).

Os perfis de oxigênio dissolvido nos tributários mostraram a ocorrência de heterogeneidade vertical na maioria das estações estudadas, com tendência à redução das concentrações em direção ao fundo. Essa tendência foi acentuada nas estações CAR, JAT I, JAT I.01, TEO.01 e CEA.01, e somente não foi observada nas estações TEO e CEA. Com o fim do enchimento, o reservatório atingiu sua cota máxima e a água do rio Madeira ocupa agora as estações localizadas próximas à antiga foz neste rio, a exemplo de TEO e CEA. Além disso, como os sistemas perderam a característica lótica, a mistura d'água é reduzida e o rio Madeira promove uma barreira hidráulica à circulação da água destes tributários, aumentando o tempo de residência. O "Prognóstico da Qualidade da Água do Futuro Reservatório da UHE Santo Antônio no Rio Madeira através de Modelagem Matemática - Abril de 2011" previu a ocorrência de estratificação no rio Jaci-Paraná e nos igarapés Jatuarana I e Teotônio (Figura 2-19). Portanto, este fato já era esperado com o enchimento do reservatório.

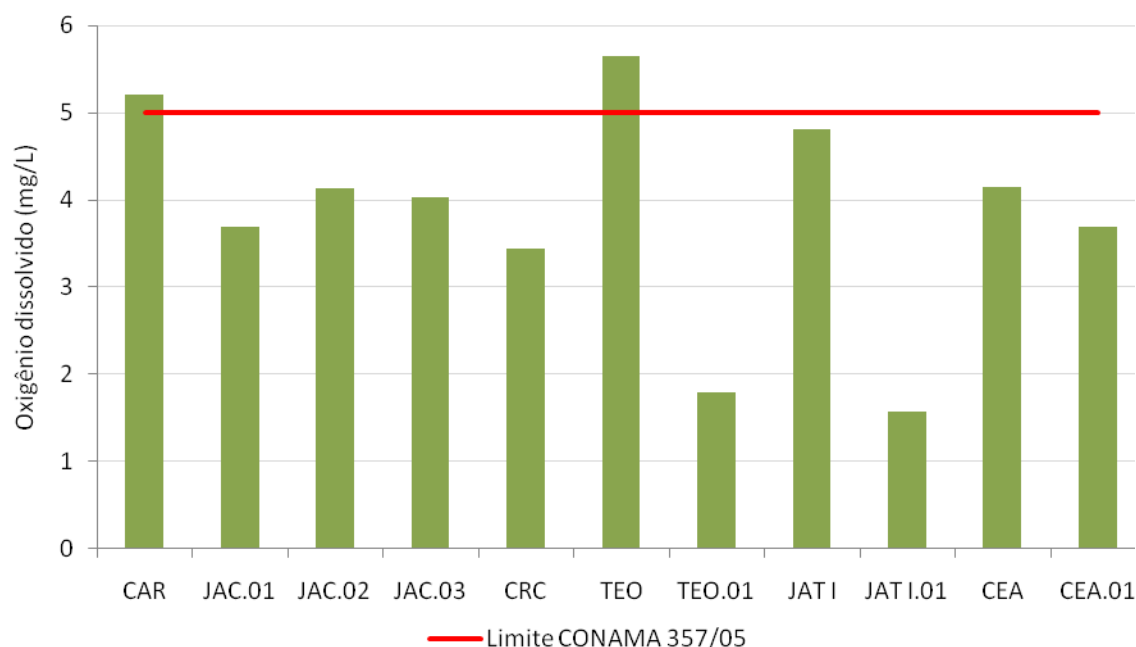


Figura 2-18 - Concentrações de oxigênio dissolvido nos tributários em fevereiro de 2012 (enchente).

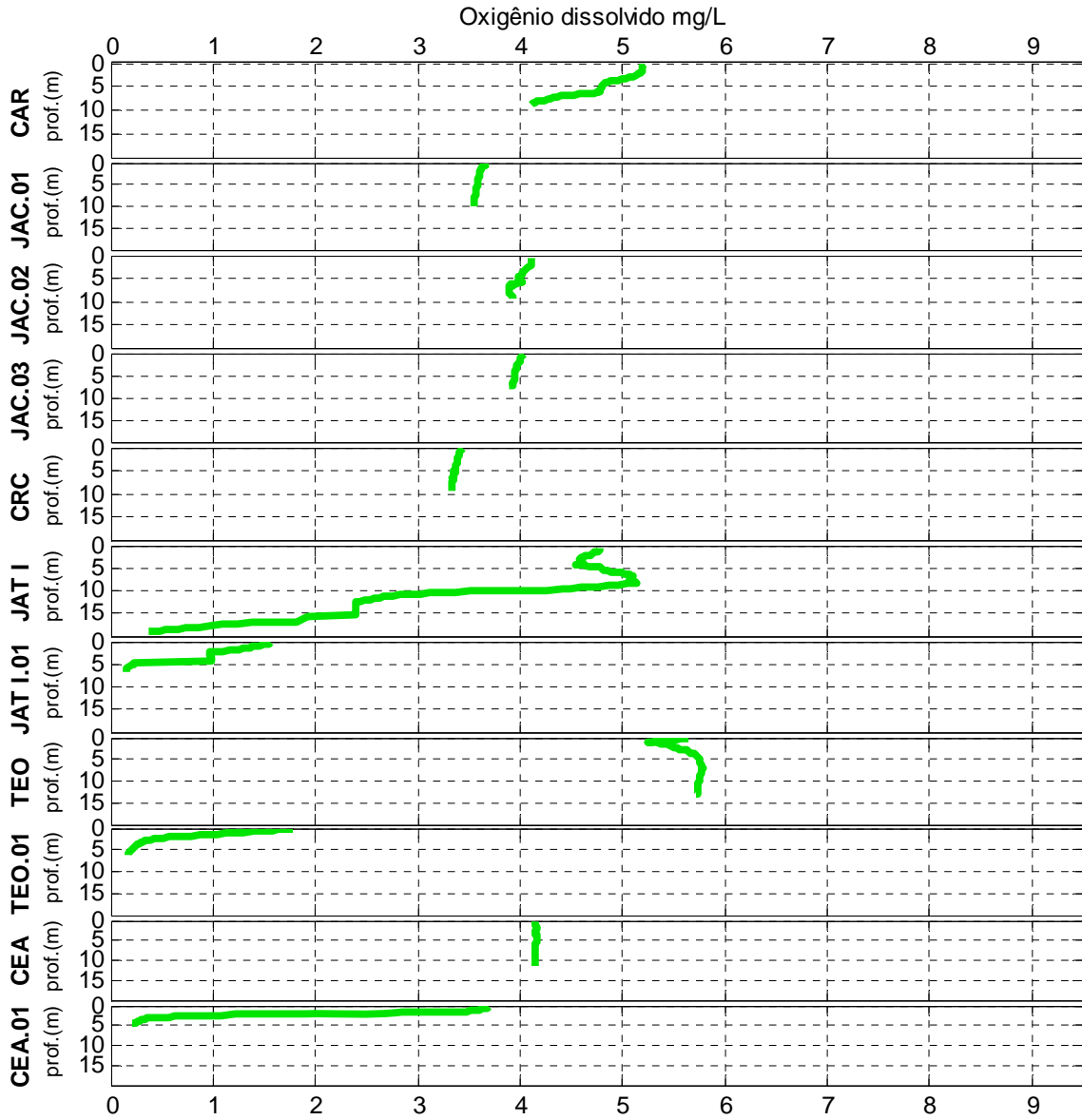


Figura 2-19 - Perfis de oxigênio dissolvido nos tributários em fevereiro de 2012 (enchente).

As estações JUS.01, JUS.02 e JUS.03 apresentaram índice de oxigenação maior do que as demais estações do rio Madeira. Essas estações situam-se a jusante da barragem, sendo os altos valores em função da turbulência promovida pela passagem da água pelos vertedouros. De maneira geral, os valores de oxigênio na superfície respeitaram o limite mínimo preconizado no Art. 15 da Resolução CONAMA 357/2005 (5 mg/L) para corpos d'água de Classe 2 e os valores de corte de 4,0 mg/L, estabelecido para o rio Madeira no documento "Resposta ao Parecer Técnico nº 26/2011 - COHID/CGENE/DILIC/IBAMA" (protocolado em 27/05/2011, por meio da correspondência SAE/PVH 0515/2011).

Diferentemente das estações do rio Madeira, a exceção das estações CAR e TEO, a maior parte das amostras coletadas nos tributários não atenderam a referida resolução. O valor de corte de 3,0 mg/L, apresentado no "Resposta ao Parecer Técnico nº 78/2011 e ao Ofício nº 825/2011 - COHID/CGENE/DILIC/IBAMA" (protocolado em 05/10/2011, por meio da correspondência SAE/PVH 1071/2011) estabelecido para o rio Jaci-Paraná (JAC.01 e JAC.03) e igarapés Teotônio (TEO), Jatuarana I (JAT I), foi respeitado nestas estações. Porém, não foi respeitado nas estações TEO.01, JAT I.01 e CEA.01, nos estratos superiores da coluna d'água. A redução das concentrações de oxigênio na água dos tributários está associada à intensificação da decomposição de matéria orgânica e à redução das trocas com a atmosfera em função da ausência de corredeiras e correnteza. Apesar de iniciada a estabilização do reservatório, verifica-se que estes igarapés já apresentaram baixos valores de oxigênio durante o período de enchente de 2010 e 2011, quando amostragens foram realizadas nas estações TEO e JAT I, indicando que baixas concentrações de OD podem ser uma característica natural destes sistemas. De modo a melhorar a oxigenação da água, duas bombas para aeração da coluna d'água foram instaladas no igarapé Jatuarana I.

2.6 - DEMANDA BIOQUÍMICA DE OXIGÊNIO (DBO)

A demanda bioquímica de oxigênio (DBO) informa a quantidade de matéria orgânica e inorgânica em um corpo d'água susceptível à oxidação por via biológica (APHA, 1998). O cálculo da DBO é feito com base nas concentrações de oxigênio no momento da incubação e cinco dias após a incubação da amostra.

No rio Madeira, houve variação espacial, com os valores oscilando entre 0,57 mg/L (MON.05 superfície) e 1,74 mg/L (JUS.03 fundo), com média de $0,86 \pm 0,19$ mg/L (média \pm DP) na superfície e $1,17 \pm 0,32$ mg/L (média \pm DP) no fundo (Figura 2-20). Os valores obtidos no presente estudo foram semelhantes aos encontrados no mesmo período de 2010 ($0,9 \pm 0,36$ mg/L, média \pm DP) e razoavelmente superiores aos de 2011 ($0,59 \pm 0,32$ mg/L, média \pm DP).

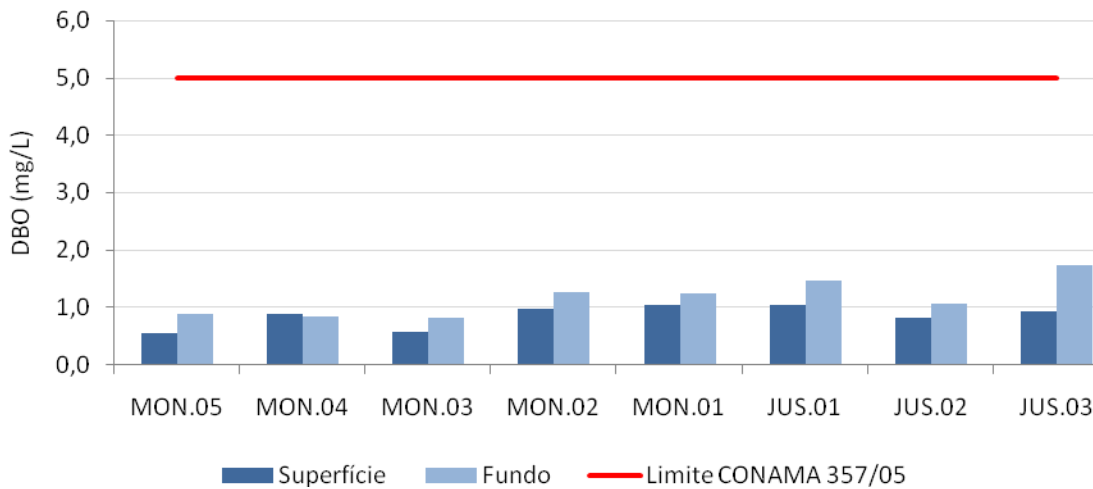


Figura 2-20 - Demanda bioquímica de oxigênio (DBO) nos rio Madeira em fevereiro de 2012 (enchente).

Os tributários também apresentaram acréscimos nos valores de DBO, com uma média de $1,20 \pm 0,60$ mg/L. Os valores oscilaram entre 0,32 mg/L (CRC) e 2,33 mg/L (TEO.01) (Figura 2-21). Os valores obtidos no presente estudo foram superiores aos encontrados no mesmo período de 2010 ($0,8 \pm 0,31$ mg/L, média \pm DP) e de 2011 ($0,8 \pm 0,53$ mg/L, média \pm DP).

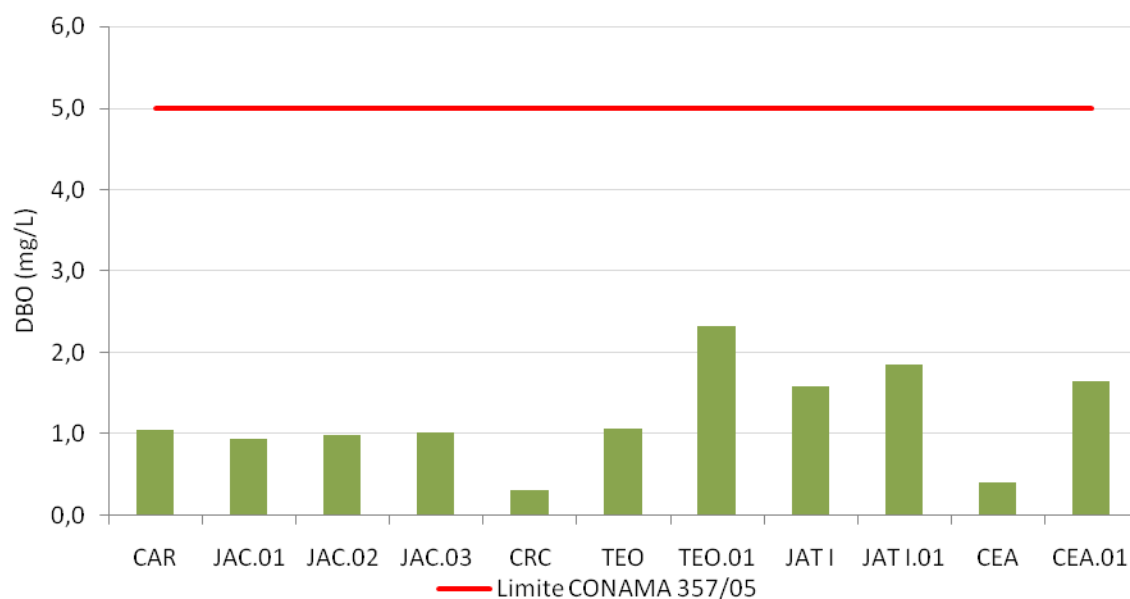


Figura 2-21 - Demanda bioquímica de oxigênio (DBO₅) nos tributários em fevereiro de 2012 (enchente).

Todas as estações de monitoramento dos tributários e do rio Madeira apresentaram valores de DBO abaixo de 5 mg/L, que corresponde ao valor máximo determinado no Art.15 da Resolução CONAMA 357/2005 para corpos d'água de Classe 2, tendo sido, portanto, inferiores ao valor de corte proposto (5 mg/L) para os rios Madeira e Jaci-Paraná e igarapés Teotônio, Jatuarana I e Ceará.

3. EQUIPE TÉCNICA

Profissional	Formação	Função	Registro Geral/ CTF IBAMA
Gina Luísa Boemer	Bióloga, mestre e doutora em Engenharia Ambiental (USP)	Gerente do projeto.	CRBio 35253/04-D IBAMA 590812
João Durval Arantes Junior	Biólogo, mestre em Engenharia Ambiental (USP) e doutor em Ecologia (UFSCar)	Coordenação geral.	CRBio 35214/01-D IBAMA 3942539
Michele Ferreira Lima	Bióloga, mestre em Ecologia (UFJF)	Coordenação do laboratório de campo, análises físicas e químicas e elaboração do relatório.	CRBio 62141/04-D IBAMA 4905761
Anderson da Rocha Gripp	Biólogo, mestre em Ecologia (UFRJ)	Análise dos dados físicos e químicos e elaboração do relatório	IBAMA 2444648
Luiz Evaristo	Engenheiro Florestal (FARO - RO)	Realização de trabalho de campo e manutenção dos sistemas de monitoramento em tempo real.	IBAMA 4123523
Dario Pires de Carvalho	Biólogo, mestre em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente e doutorando (UFRJ)	Realização de trabalho de campo e elaboração do relatório.	CRBio 52942/06-D IBAMA 665014
Rafael Marques Almeida	Biólogo, mestrando em Ecologia (UFJF)	Análise dos dados físicos e químicos e elaboração do relatório.	IBAMA 4785241

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

APHA (1998). Standard methods. 21th Edition. American Public Health Association, Washington, DC.

Golterman, H.L. Clymo, R.S. & Ohnstad, M.A.M. (1978). Methods for physical and chemical analysis of freshwater. Oxford: Blackwell Scientific Publications, 1978, 213 p.

Melack, J.M.; Fisher, R.T. (1983). Diel oxygen variation and their ecological implications in Amazon flood-plain lakes. *Archiv fur Hydrobiologie*, 98 (4): 422-442.

Muntz, W. R. A. (1978). A penetração da luz nas águas de rios amazônicos. *Acta Amazonica*, 8(4): 613-619.

Wetzel, R. G., (2001). *Limnology: Lake and river ecosystems*. 3rd ed. San Diego: Academic Press, 2001. 1006 p.

Wetzel, R. G. & Likens, G. E. (2001). *Limnological analyses*. 2nd ed. New York: Springer-Verlag, 391 p.